

Evolutionary Love

Amor Evolucionário

Charles Sanders Peirce

Tradução e nota introdutória de
Basílio João Sá Ramalho Antônio
basilio.ramalho@yahoo.com.br

Nota Introdutória

Esta versão para o português do ensaio “Evolutionary Love” é parte integrante da Dissertação de Mestrado intitulada “*O todo e as partes: subsídios para a leitura do ensaio ‘Amor evolucionário’ de Charles Sanders Peirce*”, apresentada em Outubro de 2006 à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Ivo Assad Ibri, para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Esse ensaio foi publicado originalmente em *The Monist*, v. 3, p. 176-200 (1893), com publicações também em *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, v. VI, editado por C. Hartshorne e P. Weiss (Cambridge, [MA]: Harvard University Press, 1935), bem como em *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings*, v. 1 (1867-1893), editado por N. Houser e C. Kloesel (Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1992). A versão utilizada é a do *Essential Peirce*, porém incluímos entre parênteses a numeração referente à localização dos parágrafos no v. VI do *Collected Papers*. A presente tradução foi confrontada, à época da elaboração da dissertação, com a versão castelhana de Lino Iglesias (2001), disponível em <<http://www.unav.es/gep/EvolutionaryLove.html>> (acesso em 15-1-2006). O ensaio “Evolutionary Love” é o último de um total de cinco publicados por Peirce entre 1891 e 1893 e que, no seu conjunto, constituem o núcleo de sua cosmologia. Os demais são: “The Architecture of Theories”¹, “The Doctrine of Necessity Examined”², “The Law of Mind”³ e “Man’s Glassy Essence”⁴.

Neste ensaio, de profunda erudição e fina ironia, Peirce lança mão de amplas referências bíblicas e da história da Igreja, além de apresentar um panorama das descobertas em diferentes campos das ciências naturais de sua época, de forma a construir uma estrutura argumentativa cujo objetivo é evidenciar o *modus operandi* da lei da mente, já que faz dela a grande lei de formação de todas as regularidades do universo. Fica aqui evidenciado o conceito de continuidade, que é a condição de possibilidade para compreender a dinâmica da lei mental da associação de ideias. A associação de ideias, que estrutura a formação de todas as regularidades mentais, não

¹ The Monist, v. 1, p. 161-176, 1891. Também publicado no CP, 6.7-34, e no EP1, p. 285-297.

² The Monist, v. 2, p. 321-337, 1892. Também publicado no CP, 6.35-65, e no EP1, p. 298-311.

³ The Monist, v. 2, p. 533-559, 1892. Também publicado no CP, 6.102-63, e no EP1, p. 312-333.

⁴ The Monist, v. 3, p. 1-22, 1892. Também publicado no CP, 6.238-71, e no EP1, p. 334-351.

está inteiramente sujeita às regras estritas da necessidade, mas acolhe também o novo, o que introduz as bases para a diversificação e, dessa forma, dota a lei da mente de um vetor evolutivo. Peirce apresenta três possíveis modelos de evolução – *tिकासma*, *anancasma* e *agapasma* –, que se caracterizam pela forma como neles se articulam o acaso e a necessidade. Peirce recusa, como teoricamente insuficientes, tanto as teorias que atribuem ao acaso o papel de único agente positivo da mudança (*tिकासma*), quanto as que o depositam em algum princípio de necessidade (*anancasma*). Ambas as teorias, *tिकासma* e *anancasma*, pareciam a Peirce insatisfatórias para dar conta do processo de evolução, sendo o aspecto central dessa inadequação teórica o tratamento dispensado ao *telos* da evolução⁵. No *tिकासma* há a inteira ausência de *telos*, de tal forma que as variações são absolutamente aleatórias, não obstante haja a geração de uma tendência, de natureza estatística, em razão da eliminação dos hábitos menos favoráveis e da fixação daqueles mais favoráveis. No *anancasma*, ao contrário, o *telos* é dado na origem do processo evolutivo, permanecendo imutável no seu decorrer. É, pois, uma força bruta, cega, que faz a evolução da vida percorrer etapas predefinidas como sequências dedutivas de um processo silogístico. Nesse sentido, não se pode falar propriamente de evolução, já que o que ocorre ao longo do tempo é a revelação da diversidade que já estava inteiramente inscrita no projeto divino original. Se Peirce tivesse se contentado com a tendência à ordem que emerge dos processos em que o acaso está presente, teria conseguido explicar as regularidades e a geração de uma evolução, mas esta não seria uma evolução inteligível, à medida que lhe faltaria um *telos*. A regularidade é inteligível à medida que pode ser explicada em função de um *telos*. Por essa razão, é necessário um princípio que oriente a evolução em direção ao *telos*, mas ao mesmo tempo não sufoque o que é divergente, pois, se isso ocorresse, tenderia a uma ordem enrijecida, da natureza de um mecanicismo. Essa “força diretora”, “*mais bem descrita como uma tendência em direção à harmoniosa inclusão, cujo destino é conduzir as divergentes tensões evolucionárias hostis, deflagradas pelo acaso inicial, a um acordo mútuo*”⁶ é o amor-ágape. Por essa razão, Peirce faz da evolução *agápica* o modelo mais adequado para representar a forma como a evolução se tem processado. Peirce atribuiu-lhe esse nome por constatar a sua similitude com o *modus operandi* da *ágape* cristã, que afirma o amor como princípio de atração e inclusão harmoniosa das forças divergentes: *amar o próximo como a si mesmo*. Peirce, avesso a qualquer dualismo, recorre ao evangelho de São João para afirmar apenas o amor como princípio ontológico, como princípio produtor da existência e da evolução cósmica. *Ágape*, amor que Peirce eleva à condição de força cósmica, é o termo grego empregado no Novo Testamento para o amor de Deus por sua criatura. *Ágape* é força cósmica “diretora” e não *eros*, aquele amor cujo *locus* genético é o indivíduo, que, justamente por esta razão, orienta-se por uma perspectiva interessada. Não obstante, *eros* cumpre no sistema de Peirce o papel de impulsionar o que é potência a determinar-se e, nesse sentido,

⁵ Cf. VENTIMIGLIA, Michael J. *Evolutionary Love in Theory and Practice*. Pennsylvania State University: 2001. Tese de Doutorado. Disponível em: <<http://etda.libraries.psu.edu/theses/approved/WorldWideIndex/ETD-98/>>. Acesso em: 14-2-2005.

⁶ OLIVER, Donald W. “The Final Cause and Agapasm in Peirce’s Philosophy”. In: *Studies in the Philosophy of Charles Sanders Peirce*. Ed. by Edward C. Moore and Richard S. Robin. Amherst: University of Massachusetts Press, 1964. Aqui, p. 298.

é princípio fundamental para a operação de um sistema de hábitos. Os hábitos, à medida que miram fins específicos, são eróticos. Se o sistema de aquisição de hábitos fosse inteiramente presidido por *eros*, o sistema não teria como evoluir, já que não haveria espaço para o surgimento da novidade. O hábito, sendo uma regra de ação, tem a propensão a realizar-se sempre da mesma maneira. Pura operação da causalidade eficiente. Portanto, para que haja evolução, tem de haver espaço para a novidade. Como princípio de ordem, o amor-*ágape* possibilita que as melhores soluções para o todo sejam incorporadas aos hábitos particulares. A evolução do sistema de hábitos particulares é a sua harmonização, *eros* transformado pela *ágape*. Na evolução agápica, o *telos* da evolução é o aperfeiçoamento do indivíduo, porém este aperfeiçoamento não está predeterminado, mas é construído no próprio processo evolutivo. A dinâmica desse autoaperfeiçoamento contínuo se expressa na lei do amor, como enunciada por Peirce: “O movimento do amor é circular, lançando as suas criações rumo à independência e atraíndo-as de volta para a harmonia, num único e mesmo impulso” (CP 6.288). É um *telos* vago que não está condicionado pelos hábitos estabelecidos, acolhendo, portanto, a novidade e harmonizando-a com o sistema de hábitos prevalecente. Esse *telos* é mais do que o propósito de alcançar um determinado fim, é um *telos* que evolui, o que significa que não apenas há uma evolução dos hábitos para melhor atingir esse fim, mas que o próprio fim evolui.⁷ Esse é, portanto, um processo de evolução criativo, em que nada está constituído ab ovo, mas que se constitui na evolução. Portanto, Peirce faz da evolução *agápica*, que afirma o amor como princípio de atração e inclusão harmoniosa das forças divergentes na unidade do *continuum* cósmico, num processo da natureza similar ao *modus operandi* da formação de hábitos, o princípio evolutivo de maior generalidade e inteligibilidade. Esse é o escopo do ensaio “Evolutionary Love”, cuja versão para o Português ora apresentamos.

2. Parte*

§3. Um Terceiro Aspecto. Discriminação

[306] Na natureza mesma das coisas, a linha demarcatória entre os três modos de evolução não é perfeitamente nítida. Mas isto não impede que seja bastante real e, de fato, talvez seja esta a marca de sua realidade. Não há na natureza das coisas uma linha nítida de distinção entre as três cores fundamentais: o vermelho, o verde e o violeta. Mas, para todos, elas são de fato diferentes. A questão central é se os três elementos evolucionários radicalmente diferentes têm estado em operação; e a segunda questão é quais as características mais marcantes destes elementos, quaisquer que sejam, que têm estado em operação.

⁷ Cf. HAUSMAN, Carl R. “Eros and Agape in Creative Evolution: A Peircean Insight”. In: *Process Studies*, v. 4, p. 11-25, 1974. Disponível em: <<http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=2353>>. Acesso em 30-1-2005.

* A primeira parte desta tradução foi publicada no n. 1 do v. 11 de *Cognitio*.

[307] Proponho dedicar algumas páginas a um rápido exame destas questões, em sua relação com o desenvolvimento histórico do pensamento humano. Para a comodidade do leitor, formulo inicialmente as definições mais breves possíveis dos três modos concebíveis de desenvolvimento do pensamento, distinguindo, também, duas variedades de anancasma e três de agapasma. O desenvolvimento ticástico do pensamento consistirá, então, no ligeiro desvio das idéias habituais em diversas direções de forma indiferente, completamente sem propósito e totalmente sem o constrangimento, seja das circunstâncias externas ou da força da lógica, sendo estes novos afastamentos seguidos de resultados imprevistos, os quais tendem a fixar alguns deles, mais do que outros, como hábitos. O desenvolvimento anancástico do pensamento consistirá na adoção de novas idéias sem prever para onde se encaminham, mas tendo um aspecto determinado por causas, ou exteriores à mente, tais como as mudanças nas circunstâncias da vida, ou internas à mente como desenvolvimentos lógicos de idéias já aceitas, tais como as generalizações. O desenvolvimento agapástico do pensamento é a adoção de certas tendências mentais, não de todo descuidadamente, como no ticasma, nem de modo tão cego pela mera força das circunstâncias ou da lógica, como no anancasma, mas por uma atração imediata pela idéia em si mesma, cuja natureza é adivinhada antes mesmo da mente a possuir, em razão do poder de simpatia, isto é, em virtude da continuidade da mente. Esta tendência mental pode se apresentar sob três variantes, como se segue. Primeira, pode afetar um conjunto de pessoas ou uma comunidade em sua personalidade coletiva e ser, por isso, comunicada àqueles indivíduos que estejam em conexão fortemente simpática com a coletividade, embora eles possam ser intelectualmente incapazes de atingir a idéia por seus próprios raciocínios ou até mesmo de assimilá-la conscientemente. Segunda, pode afetar diretamente um indivíduo, seja porque ele é o único capaz de apreender a idéia, ou porque, em virtude da simpatia com seu próximo, ele é capaz de, sob a influência de uma experiência marcante ou pelo desenvolvimento do pensamento, apreciar a sua atratividade. A conversão de São Paulo⁸ pode ser tomada como exemplo do que se quer dizer. Terceira, pode afetar um indivíduo, independentemente de seus afetos humanos, pela força da atração que exerce sobre sua mente antes mesmo que a possa compreender. Este é o fenômeno que muito a propósito se chamou de adivinhação do gênio, pois se deve à continuidade entre a mente do homem e o Altíssimo⁹.

⁸ N.T.: Paulo era de origem judaica e nasceu em Tarso, na Cilícia, por volta do ano 5 d.c.. Fervoroso defensor da lei e das tradições de seus antepassados, perseguiu o cristianismo nascente. Contudo, conta a Bíblia, que, certa vez, a caminho de Damasco, teve uma visão do Cristo Ressuscitado, o que o levou a converter-se ao cristianismo. Ver GRIBOMONT, Jean et alii. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Editoras Vozes e Paulus. 2002.

⁹ N.T.: A expressão empregada é *The Most High*, que pode ser literalmente traduzida por "A Mais Elevada". Contudo, a expressão é usada no contexto teológico para denominar Deus e, desta forma, o seu correlato em português é Altíssimo. A idéia expressa aqui é a de que as descobertas científicas individuais não são, em si, um produto *ex nibilo* da criatividade individual, mas são, antes, sugestões que são adivinhadas pela mente do gênio. O termo em inglês que Peirce usa é *divination* (adivinhação, pressentimento), o qual vem de *divine* (divino), o que sugere a idéia de que o pensamento do gênio toca o da divindade. Afastando-se, por um momento, a evidente conotação religiosa dos termos empregados

[308] A seguir, vamos considerar quais critérios podem nos levar à distinção entre estas diferentes categorias evolutivas. Não é possível um critério absoluto na natureza das coisas, já que na natureza das coisas não há uma linha de demarcação nítida entre as diferentes classes. Não obstante, podem-se encontrar sintomas quantitativos pelos quais um juiz sagaz e simpático da natureza humana pode ser capaz de estimar as proporções aproximadas com que as diferentes espécies de influências se mesclam.

[309] Caso a evolução da história do pensamento humano seja ticástica, ela deveria ter ocorrido por passos imperceptíveis ou diminutos, pois tal é a natureza das acidentalidades quando multiplicadas para caracterizar fenômenos de regularidade. Por exemplo, assumindo-se que, em 1880, dos homens adultos brancos nativos dos Estados Unidos, um quarto tivesse estatura abaixo de 5 pés e 4 polegadas e um quarto acima de 5 pés e 8 polegadas¹⁰. Então, pelos princípios da probabilidade, podemos esperar na população inteira:

Menos de	216 abaixo de 4 pés e 6 polegadas	Menos de	216 acima de 6 pés e 6 polegadas
	48 abaixo de 4 pés e 5 polegadas		48 acima de 6 pés e 7 polegadas
	9 abaixo de 4 pés e 4 polegadas		9 acima de 6 pés e 8 polegadas
	2 abaixo de 4 pés e 3 polegadas		2 acima de 6 pés e 9 polegadas

Apresento estas cifras para mostrar quão insignificadamente poucos são os casos em que algo muito distante da configuração comum pode se apresentar por meio do acaso. Ainda que apenas a estatura de um em cada dois homens esteja incluída dentro das quatro polegadas entre os 5 pés e 4 polegadas e os 5 pés e 8 polegadas, se, todavia, este intervalo for aumentado três vezes quatro polegadas para acima e para abaixo, abarcará a totalidade estimada dos nossos 8 milhões de homens brancos natos (de 1880), exceto apenas os 9 mais altos e os 9 mais baixos.

[310] O teste de variação mínima, se não satisfeito, invalida totalmente o ticismas. Se é satisfeito, veremos que nega o anancasma, mas não o agapasma. Queremos

por Peirce, o que é expresso aqui é a concepção teórica do sinequismo, que sustenta que a continuidade da mente humana deriva de um *continuum* de ordem superior, de natureza eidética, isto é, de uma mente “Mais Elevada” (*The Most High*). É esta continuidade da mente que veicula o mesmo pátos e impregna as mentes particulares da perspectiva do todo. É por este continuum de sentimento que trafegam as idéias – elas próprias continua de sentimentos – e, desta forma, torna-se possível que o gênio as apreenda, mesmo antes que as possa compreender. É por esta razão que Peirce dirá, algumas linhas adiante, que é possível falar-se do espírito de uma época ou compreender-se porque mentes isoladas podem, quase simultaneamente, realizar determinadas descobertas.

¹⁰ N.T.: Um pé corresponde a 30,48 cm e uma polegada a 2,54 cm.

somente um teste positivo que seja satisfeito pelo ticasma. Ora, sempre que virmos o pensamento dos homens tomando, por meio de graus imperceptíveis, uma direção contrária aos propósitos que os animam, apesar de suas mais elevadas aspirações, poderemos concluir seguramente que aí se deu uma ação ticástica.

[311] Haverá estudiosos da história da mente, dotados de erudição para encher de inveja edulcorada por alegre admiração um pensador imperfeito como eu, que sustentem que as idéias, ao surgirem, são, e pouco mais do que isso podem ser, singularidades, pois ainda não puderam ser examinadas criticamente, e que, além disso, em todo lugar e em todas as épocas o progresso tem sido tão gradual que é difícil distinguir nitidamente qual o primeiro passo dado por um determinado homem. Disto decorreria que o ticasma tem sido o único método de desenvolvimento intelectual. Devo confessar que não posso ler a história desta maneira. Não posso deixar de pensar que, embora o ticasma tenha estado algumas vezes em operação, em outras, grandes passos, cobrindo quase o mesmo campo e dados independentemente por diferentes homens, foram confundidos com uma sucessão de pequenos passos e, mais ainda, que os estudiosos têm sido relutantes em admitir um “espírito” de uma época ou de um povo como uma entidade real, devido à impressão enganosa e não questionada de que estariam, assim, abrindo a porta para hipóteses tresloucadas e não naturais. Creio, pelo contrário, que o desenvolvimento histórico do pensamento, muito embora isto possa ter a ver com a educação das mentes individuais, raramente tem sido de natureza ticástica e, quando isto se deu, foi exclusivamente em movimentos retrógrados e bárbaros. Desejo expressar-me com a extrema modéstia que convém a um estudioso de lógica chamado a examinar um campo tão vasto do pensamento humano que apenas o pode cobrir por um reconhecimento, ao qual algum valor só poderá ser conferido pelo uso da maior competência e dos métodos mais hábeis; mas, mesmo assim, só posso expressar minhas próprias opiniões e não as de mais ninguém. E, no meu modesto julgamento, o exemplo maior de ticasma é dado pela história do Cristianismo, desde aproximadamente seu estabelecimento por Constantino até, digamos, à época¹¹ dos mosteiros irlandeses, uma era ou éon de aproximadamente 500 anos. Sem dúvida, a circunstância externa que, mais do que qualquer outra, predispôs, no início, os homens a aceitarem o Cristianismo em seu encanto e ternura, foi o estado terrível a que a sociedade se vira reduzida, despedaçada pela ganância implacável e cruel com que os romanos corromperam o mundo. E, entretanto, foi este mesmo fato, mais que qualquer outra circunstância exterior, que reforçou a repulsa pelo mundo decaído, em relação ao qual o Evangelho primitivo de Marcos¹² não apresenta uma única referência. Pelo menos não a detecto na observação quanto à blasfêmia contra o Espírito Santo, em que nada é dito sobre a vingança, nem mesmo no trecho em que as palavras finais de Isaías sobre os vermes e o fogo que se alimentam das “carcaças dos homens que transgre-

¹¹ N.E.: No original, “of the” é “the of”.

¹² N.T.: João Marcos, filho de uma certa Maria de Jerusalém, em cuja casa se reuniram os primeiros cristãos. Serviu a São Pedro, de quem era discípulo, como intérprete. Diz a tradição que foi martirizado em Alexandria, no Egito.

diram contra mim”¹³ são citadas. Mas, pouco a pouco, a amargura vai crescendo até que, no último livro do Novo Testamento, seu pobre e tresloucado autor revela que todas as vezes que Cristo disse ter vindo para salvar o mundo o desígnio secreto era apanhar toda a raça humana, exceção feita a insignificantés 144000¹⁴, e atirá-la num lago de enxofre¹⁵ e, à medida em que a fumaça de seu tormento se elevasse para todo o sempre, voltar-se e dizer: “Não há mais maldição”. Haveria um imperceptível sorriso sarcástico ou esgar demoníaco a acompanhar essa elocução? Eu preferiria acreditar que São João não escrevera isso, mas é o seu evangelho que fala na “ressurreição para a condenação”, ou seja, homens sendo ressuscitados só para serem torturados; de todo o modo a Revelação¹⁶ é um escrito muito antigo. Pode-se compreender que os cristãos primitivos pareciam homens tentando, com todas as suas forças, subir um íngreme acrive de barro escorregadio; o elemento mais profundo e verdadeiro de suas vidas, a animar-lhes a mente e o coração, era o amor universal. Mas, continuamente, e contra suas vontades, recaíam no espírito de grupo, servindo cada escorregão como um precedente, de um modo bastante conhecido por todos os homens. Este sentimento de grupo cresceu imperceptivelmente até que, por volta de 330 D.C., o brilho da integridade prístina, que em São Marcos reflete o espírito claro da luz, estivesse tão embaçado, a ponto de Eusébio (o Jared Sparks¹⁷ daqueles dias), no prefácio da sua História, poder proclamar sua intenção de exagerar tudo o que favorecesse a glória da igreja e de suprimir tudo o que a denegrisse¹⁸. Seu contemporâneo latino, Lactantius, é ainda pior¹⁹. E, assim, o obscurantismo avançou a passos largos até que, antes do final do século, a grande biblioteca da Alexandria

¹³ N.E.: Ver Marcos 3:29, 9:48, e Isaías 66:24.

¹⁴ N.T.: Ver Apocalipse 4:7

¹⁵ N.T.: Ver Apocalipse 4:9

¹⁶ NT.: ou Apocalipse (em grego *apokalypsis* significa descobrimento, revelação). Último livro do Novo Testamento. Ver também nota 6.

¹⁷ N.E.: Jared Sparks (1789-1866), historiador e editor americano e presidente do Harvard College. N.T.: Seu mais importante trabalho foi *The Life and Writings of George Washington* (12 vols., 1834-1837). O trabalho foi, em geral, bem recebido, mas Sparks foi severamente criticado por alguns por ter alterado partes de alguns escritos de George Washington. Por ter colecionado uma vasta quantidade de documentos sobre a história norte-americana, prestou inestimável serviço ao estudo acadêmico da disciplina.

¹⁸ N.E.: Eusebius Pamphili, *Ecclesiastical History* (London, 1876), 8:2. N.T.: Também conhecido como Eusebius de Cesaréia (265-339?) por ter sido bispo Cesaréia, na Palestina. Nascido em Beirute, foi também historiador e intérprete bíblico. Sua *História Eclesiástica* (10 vols.) foi um marco na história do cristianismo. Possui abertamente um caráter apologético. GRIBOMONT, Jean et alii. *Op. Cit.*

¹⁹ N.E.: Lactantius, “Of the False Wisdom of Philosophers”, em *The Works* (Edinburgh, 1871), livro 3. N.T.: Lucius Caecilius Firmianus Lactantius. Nasceu no norte da África e Viveu no 4º século da era cristã, tendo sido designado professor de Retórica em Nicomedia pelo Imperador Diocleciano. Converteu-se ao cristianismo e, quando Diocleciano publicou o Édito contra os Cristãos (303 d.C.), foi obrigado a abandonar o seu posto. Dono de um estilo de escrita elegante, é conhecido como “O Cícero Cristão”. O seu principal escrito é *Divinae Institutiones*, escrito entre 301 e 313, que, apesar de sistemático, possui um pronunciado caráter apologético, denunciando a futilidade das crenças pagãs e a verdade da fé cristã.

foi destruída por Teófilo²⁰, e, dois séculos depois, Gregório²¹, o Magno, queimou a grande biblioteca de Roma, proclamando que “A ignorância é a mãe da devoção”²² (o que é verdade, da mesma forma que a opressão e a injustiça são a mãe da espiritualidade), a ponto de uma descrição desapaixonada do estado da igreja tornar-se algo que hoje nossos jornais de qualidade inferior classificariam como “imprópria para publicação”. A aplicação do teste apresentado anteriormente comprovaria que este movimento foi ticsástico. Um exemplo muito parecido em escala menor, só que cem vezes mais rápido, e para cujo estudo há bibliotecas cheias de documentos, encontra-se na história da Revolução Francesa.

[312] A evolução anancástica avança por passos largos e sucessivos, intercalados por pausas. A razão é que, neste processo, um hábito de pensamento, uma vez rejeitado, é suplantado pelo seguinte mais forte. Ora, este seguinte mais forte estará, com certeza, em contraste acentuado com o primeiro, podendo, com frequência, ser exatamente o seu contrário. Isto lembra uma de nossas velhas regras de fazer vice-presidente o segundo candidato. Esta característica, portanto, distingue claramente o anancasma do ticsasma. E o traço que o distingue do agapasma é a sua não intencionalidade. Porém, o anancasma externo e o interno devem ser examinados separadamente. O desenvolvimento sob pressão das circunstâncias externas, ou evolução cataclísmica, é suficientemente claro na maioria dos casos. Apresenta inúmeros graus de intensidade, indo da força bruta, guerra pura e simples, que mais de uma vez alterou o curso do pensamento do mundo, até à dureza da evidência, ou a algo com o qual foi confundida, que acabou convencendo hordas de homens. Diante de uma história como essas, a única dúvida que pode subsistir é de cunho quantitativo. As influências externas jamais serão as únicas a afetar a mente e, portanto, deve ser uma questão de julgamento, para o qual pouco valeria a pena procurar fixar regras, sobre se um determinado movimento deve ser encarado como governado por forças externas ou não. No surgimento do pensamento medieval, quero dizer, nos desenvolvimentos simultâneos da escolástica e da arte, não resta dúvida que as cruzadas e a descoberta dos escritos de Aristóteles foram influências poderosas. O desenvolvimento da escolástica, de Roscelino²³ a Alberto Magno²⁴, segue de perto

²⁰ N.A.: Ver [John William] Draper's *History of Intellectual Development* [1862], cap. X. N.T.: Teófilo I foi patriarca de Alexandria de 385 a 412 D.C. e promoveu, de forma violenta, o combate ao “paganismo” no Egito. Depois que o imperador Teodósio baixou um decreto proibindo as religiões pagãs, o bispo Teófilo determinou a queima de todas as seções da biblioteca de Alexandria que, supunha, continham livros que contrariavam a doutrina cristã.

²¹ N.T.: Papa Gregório I (540-604). Nasceu em Roma, de família abastada e iniciou sua vida secular como advogado, porém abandonou tudo para ingressar na ordem monástica dos beneditinos. Foi ungido Papa em 590, tendo promovido uma vasta reforma do clero e dos negócios da Igreja. Atribuiu-se a ele o surgimento do canto gregoriano. Escreveu a “Magna Moralis”, um trabalho exegético do Livro de Jó, várias homilias sobre os Evangelhos, além de 850 cartas pastorais.

²² N.E.: Ver John de Salisbury, *Polycratiis*, 2:26, 8:19.

²³ N.T.: Roscelino: (c. 1050-c 1120). Filósofo francês, conhecido por seu nominalismo extremo na solução da questão dos universais. Foi mestre de Abelardo.

²⁴ N.T.: Alberto Magno (1206-1280). Filósofo e teólogo alemão, monge da ordem dos domi-

os passos sucessivos no conhecimento de Aristóteles. Prantl pensa que isso explica tudo, e poucos homens devoraram mais livros do que Carl Prantl²⁵. Ele realizou um trabalho bem sólido, apesar de fazer julgamentos precipitados. Mas nunca iremos além de um bom começo na compreensão da escolástica, caso a sua totalidade não seja sistematicamente explorada e digerida por um grupo de estudiosos organizados e reunidos regular e disciplinadamente para esse fim. Porém, para o período que estamos especialmente considerando agora, aquele que contempla a arquitetura românica, a literatura é facilmente dominada. Mas isto de modo nenhum justifica os ditames de Prantl quanto à dependência servil destes autores em relação a seus mentores. Além do mais, seguiram um propósito firmemente definido em suas mentes durante todos os seus estudos. Por isso, não consigo apontar esse período da escolástica como exemplo de anancasma exterior puro, o qual parece ser o flúor dos elementos intelectuais²⁶. Talvez a recente abertura do Japão às idéias ocidentais seja o mais puro exemplo disso na história. Porém, em combinação com outros elementos, nada é mais comum. Se o desenvolvimento das idéias sob a influência do estudo de fatos exteriores for considerado anancasma exterior – está no limite entre formas externas e internas – é sem dúvida, o assunto mais importante do estudo moderno. Mas Whewell, cuja compreensão magistral da história da ciência os críticos foram ignorantes demais para apreciar devidamente, demonstra com clareza que mesmo aí esta influência está longe de ter preponderância esmagadora²⁷.

[313] O anancasma interno, ou o cego caminhar lógico, que avança por uma linha predestinada sem capacidade de prever para onde e nem de dirigir o seu curso, tal é a regra do desenvolvimento da filosofia. Hegel foi quem primeiro levou o mundo a compreender isto, ao procurar fazer da lógica, não apenas o guia subjetivo e orientador do pensamento, que era tudo o que se ambicionava antes, mas, sim, a própria fonte do pensamento, não apenas individual, mas da discussão, da história da evolução do pensamento, de toda a história e de todo desenvolvimento. Isto envolve um erro positivo e claramente demonstrável. Seja qual for o tipo da lógica em questão, uma lógica de inferência necessária ou uma lógica de inferência provável (talvez a teoria deva ser moldada para servir a ambas), em qualquer dos casos supõe-se que a lógica

nicanos, chamado de “Magnus” e “Doctor Universalis” pelo seu amplo domínio de todas as áreas do conhecimento de sua época. Foi mestre de São Tomás de Aquino.

²⁵ N.E.: Ver *Geschichte der Logik im Abendlande* (Leipzig, 1867), vol. 3, seq. 17, p.2, de Prantl. N.T.: Karl von Prantl (1820-1888), filósofo alemão, comentador e estudioso de Aristóteles.

²⁶ N.T.: O flúor é um elemento químico (F) que não se apresenta de forma isolada na natureza, mas apenas associado a outros elementos. Por esta razão, Peirce compara o puro *anancasma* externo ao flúor, já que aquele também é raramente passível de identificação como causa isolada da evolução da natureza ou da história humana.

²⁷ N.E.: Ver William Whewell, *Novum Organon Renovatum*, 3ª ed. (Londres, 1858). N.T.: William Whewell (1794-1866). Filósofo e cientista Britânico, escreveu sobre variados assuntos, tais como mecânica, mineralogia, geologia, astronomia, economia política, teologia, educação, legislação internacional e arquitetura. Os seus mais notórios trabalhos foram aqueles relacionados à filosofia e história da ciência, bem como à filosofia moral. Foi membro-fundador de várias sociedades científicas britânicas. A sua filosofia da ciência foi criticada por John Stuart Mill, tendo-se travando entre eles um intenso debate sobre a natureza do raciocínio indutivo.

seja suficiente em si mesma para determinar que conclusão resultará das premissas dadas. A menos que consiga tanto, ela não será suficiente para explicar por que um curso individual de raciocínio deverá percorrer determinado caminho, isto para não falar em outros tipos de desenvolvimento. Assim, supõe-se que das premissas dadas só uma conclusão poderá ser logicamente retirada e que não haverá qualquer possibilidade de livre escolha. Uma das falsas noções, que se deve ao fato dos lógicos confinarem a sua atenção àquele Nantucket²⁸ do pensamento, a lógica dos termos não-relativos, é a de que apenas uma conclusão pode ser logicamente derivada das premissas dadas. Na lógica dos relativos, isto não se sustenta.

[314] Uma observação me ocorre. Se a evolução da história é, em parte considerável, da natureza do anancasma interno, ela se assemelha ao desenvolvimento individual de cada homem. Da mesma forma que 33 anos é uma unidade natural aproximada de tempo para os indivíduos, correspondendo à idade média em que o homem obtém resultados, deveria, então, haver um período aproximado ao fim do qual um grande movimento histórico deveria ser suplantado por outro. Vejamos se somos bem sucedidos em apresentar algo desse tipo. Tomemos o desenvolvimento do domínio de Roma como um tempo suficientemente longo e demarquem as suas principais datas.

753 A.C.	Fundação de Roma
510 A.C.	Expulsão dos Tarquínios
27 A.C.	Otávio assume o título de Augusto
476 D.C.	Fim do Império Ocidental
962 D.C.	Sacro Império Romano
1453 D.C.	Queda de Constantinopla

O último fato foi um dos mais significativos da história, especialmente para a Itália. Os intervalos são de 243, 483, 502, 486 e 491 anos. É curioso que sejam quase todos iguais, exceto o primeiro, que é aproximadamente a metade dos outros. Os sucessivos reinados não teriam normalmente igualdade tão aproximada. Vejamos algumas datas da história do pensamento.

²⁸ N.T.: Este comentário de Peirce é melhor entendido quando se lê um trecho de outro texto seu de 1892, "A crítica dos argumentos" [CP 3.415], no qual aborda a lógica dos relativos e a sua dificuldade: "A despeito do tempo que passei estudando as formas de raciocínio, não conheço nenhuma forma de fazer com que o leitor se beneficie do que devo ter aprendido, senão pedir-lhe que se debruce sobre o um tanto quanto fastidioso tema dos relativos. No que tange a este tema, não obstante nunca tenha deixado de ser reconhecido como parte integrante da lógica, foi deixado de lado por causa de sua dificuldade. É como se um geógrafo, ao reconhecer o conjunto dos Estados Unidos, sua topografia, sua população, suas indústrias, etc., como demasiado vasto para um tratamento adequado, se conformasse com uma descrição de Nantucket. Esta comparação exagera muito pouco, se é que o faz, a inadequação da teoria das formas de raciocínio que não leva em conta os termos relativos". Nantucket é uma ilha ao sul de Cape Cod em Massachussets (EUA).

585 A.C.	Eclipse de Tales. Início da filosofia grega.
30 D.C.	A Crucificação
529 D.C.	Fechamento das escolas atenienses. Fim da filosofia grega.
1125 D.C.	(Aproximadamente) Apogeu das Universidades de Bolonha e Paris.
1543 D.C.	Publicação do <i>De Revolutionibus</i> , de Copérnico. Início da ciência moderna.

Os intervalos são 615, 499, 596 e 418 anos. Na história da metafísica poderíamos apontar as seguintes datas:

322 A.C.	Morte de Aristóteles
1274 D.C.	Morte de Aquino
1804 D.C.	Morte de Kant

Os intervalos são de 1595 e 530 anos. O primeiro é quase o triplo do último. Quase nenhuma conclusão pode ser tirada destas cifras. Ao mesmo tempo, eles parecem sugerir que, grosso modo, existe uma era natural de mais ou menos 500 anos. Se houver uma comprovação independente deste fato, os intervalos observados podem ganhar algum significado.

[315] O desenvolvimento agapástico do pensamento, caso exista, deve-se distinguir pelo aspecto intencional, sendo esta intenção o desenvolvimento de uma idéia. Deveríamos ter dela uma imediata compreensão e reconhecimento agápicos ou simpáticos, em virtude da continuidade do pensamento. Parto aqui do pressuposto que essa continuidade do pensamento tenha sido suficientemente comprovada em meu ensaio sobre “A Lei da Mente”, em *The Monist* de julho passado. Mesmo que tais argumentos não sejam, em si mesmos, totalmente convincentes, se forem, porém, reforçados por um agapasma evidente na história do pensamento, as duas proposições se auxiliarão mutuamente. Confio que o leitor tenha uma base lógica suficiente para não confundir esse apoio mútuo com um círculo vicioso de raciocínio. Se fosse possível demonstrar claramente que existe uma tal entidade como o “espírito de uma época” ou de um povo, e que a mera inteligência individual não dá conta todos os fenômenos, isto seria, ao mesmo tempo, prova suficiente do agapasticismo e do sinequismo. Devo admitir que não consigo construir uma demonstração irrefutável de tudo isso, mas creio poder aduzir tais argumentos que servirão para confirmar aqueles que forem retirados de outros fatos. Acredito que todas as grandes conquistas da mente sempre se colocaram além das forças de indivíduos isolados e, independentemente do apoio que esta opinião venha a receber de considerações sinequistas e do caráter intencional de muitos movimentos notáveis, encontro razão imediata para pensar assim na sublimidade das idéias e na sua ocorrência, simultânea e independente, a vários indivíduos sem poderes gerais extraordinários. A mencionada arquitetura gó-

tica, em vários de seus desenvolvimentos, parece-me ter um caráter assim. Todas as tentativas de imitá-la, empreendidas por arquitetos modernos do maior conhecimento e gênio, resultaram inexpressivas e insípidas, com o que concordam seus próprios autores. Entretanto, na época em que o estilo ainda estava vivo, havia uma grande quantidade de homens capazes de produzir obras com essa imensa sublimidade e força. Em mais de um caso, documentos que chegaram até nós mostram, nos capítulos relativos às catedrais, que, na seleção dos arquitetos, os grandes gênios artísticos eram tratados com consideração secundária, como se não faltassem pessoas capazes de atender a tal necessidade; e os resultados justificam essa confiança. Será, então, que, de maneira geral, os indivíduos daquela época eram dotados de uma natureza tão sublime e intelecto tão elevado? Tal opinião desmoronaria ao primeiro exame.

[316] Quantas vezes os homens, agora na meia-idade, já viram grandes descobertas feitas quase ao mesmo tempo e de forma independente! O primeiro exemplo que me ocorre é a previsão da existência de um planeta além de Urano, feita por Leverrier e Adams²⁹. É muito difícil saber-se a quem atribuir o princípio de conservação de energia, embora ele seja uma das maiores descobertas que a ciência já fez. A teoria mecânica do calor foi estabelecida por Rankine e por Clausius no mesmo mês de fevereiro de 1850³⁰, e existem homens eminentes que atribuem este grande avanço a Thomson³¹. A teoria cinética dos gases, depois de iniciada por John Bernoulli e permanecer por longo tempo no esquecimento, foi reinventada e aplicada separadamente por pelo menos três físicos modernos, não apenas à explicação das leis de Boyle, Charles e Avogadro³², mas também à da difusão e viscosidade. É bem sabido

²⁹ N.E.: Urbain J. J. Leverrier, “Recherches sur les mouvements de la planète Herschel, dite Uranus”, em *Connaissances des temps* (1849). J. C. Adams, *Nautical Almanac*, 1851, p. 3. N.T.: Urbain Jean Joseph Le Verrier (1811-1877), astrônomo francês que calculou a posição de Netuno, com base nas irregularidades apresentadas pela órbita de Urano. John Couch Adams (1819-1892), matemático e astrônomo britânico que, um ano antes de Le Verrier, calculou a posição de Netuno. Porém, a sua descoberta não foi anunciada publicamente pela Universidade de Cambridge, onde trabalhava.

³⁰ N.E.: Para Rankine, ver nota 8 no item 24; para Clausius, ver nota 13; para Thomson, ver nota 2 no item 24. N.T.: Na presente tradução, ver, para Rankine e Clausius, nota 42 e para Thompson, nota 76. Estas notas contêm as referências para as quais o editor nos remete.

³¹ N.A.: O próprio Thomson, em seu artigo *Heat*, na *Encyclopedia Britannica*, não menciona o nome de Clausius uma única vez sequer. N.T.: Sir Joseph John Thomson (1856-1940). Físico britânico que descobriu o elétron.

³² N.E.: Para Bernoulli, ver nota 9 do item 24; para Boyle, ver nota 5 do item 12; para Charles, ver nota 7 do item 15; para Avogadro, ver p. 335 e nota 4 do item 21. N.T.: As notas para as quais o editor nos remete são: (a) nota 9, item 24: Daniel Bernoulli, *Hydrodynamica* (1738), seç. 10; (b) nota 5, item 12: No *Century Dictionary*, Peirce dá a seguinte definição: “em física, a lei de que, a uma dada temperatura, o volume de uma dada massa de gás varia inversamente com a pressão que sofre, foi descoberta por Robert Boyle e publicada por ele por volta de 1662. Contudo, em razão de Edme Mariotte ter publicado um livro sobre isso (por volta de 1679), a lei foi por muito tempo chamada de Lei de Mariotte”; (c) nota 7 do item 15: Para a lei de Boyle, ver nota 5 no item 12. A lei de Jacques Charles diz que, a uma pressão constante, o volume de um gás é diretamente proporcional à temperatura; (d) p. 335: “em volumes iguais de diferentes tipos de gases, expostos à mesma pressão

que a doutrina da seleção natural foi apresentada por Wallace³³ e por Darwin³⁴ no mesmo encontro da Associação Britânica e que Darwin, no seu “Esboço Histórico”, que antecede as edições mais recentes de seu livro, mostra que ambos foram antecidos por precursores obscuros. O método da análise espectral foi reclamado por Swan³⁵, bem como por Kirchhoff³⁶, e talvez haja outros que tenham até melhores reivindicações. A autoria da Lei Periódica dos Elementos Químicos é disputada por um russo, um alemão e um inglês³⁷, embora não restem dúvidas de que o mérito principal seja do primeiro. Estas são praticamente todas as maiores descobertas de nosso tempo. O mesmo acontece com as invenções. Não é de surpreender que o telégrafo tenha sido feito independentemente por vários inventores, pois era um fácil corolário de fatos científicos bem compreendidos anteriormente. Mas o mesmo não se deu com o telefone e outros inventos. O éter, o primeiro anestésico, foi apresentado independentemente por três médicos da Nova Inglaterra³⁸. Ora, já fazia um século

e temperatura, há número igual de moléculas”; (e) nota 4 do item 21: Nomeada após Amedeo Avogadro (1776-1856), químico e físico italiano. Para esta lei ver p. 335. Robert Boyle (1627-1691), físico e químico inglês. Enunciou em 1664 a lei da compressibilidade dos gases, a qual também foi encontrada, em 1676, por Edmé Mariotte (1620-1684), um físico e matemático francês.

- ³³ N.T.: Alfred Wallace (1823-1913). Naturalista inglês que, a partir das observações realizadas em suas viagens, bem como em razão da influência recebida dos trabalhos de Thomas Malthus e Charles Lyell, desenvolveu, independentemente de Charles Darwin, a teoria da seleção natural (e a publicou no mesmo ano de Darwin).
- ³⁴ N.T.: Charles Darwin (1809-1882). Naturalista britânico, propôs a teoria da evolução, a partir das observações colhidas em sua viagem pela América do Sul, em particular à ilha de Galápagos, no Peru. De acordo com sua teoria, aqueles organismos que, em um dado ambiente natural, possuem vantagens competitivas sobre os demais, terão maiores condições de se reproduzir e, por conseguinte, garantirão a sobrevivência de sua espécie às expensas das espécies mais fracas. Darwin foi, muito provavelmente, influenciado pelo geólogo escocês Charles Lyell (1797-1875), que postulava, seguindo o Princípio da Uniformidade proposto pelo também escocês e “pai” da geologia moderna, James Hutton (1726-1797), que as mudanças geológicas ocorrem lenta e uniformemente, do mesmo modo em que ocorrem hoje, de tal forma que o presente é a chave para o acesso ao passado.
- ³⁵ N.T.: Joseph Swan (1828-1914). Físico e químico inglês, que realizou invenções relacionadas ao processo fotográfico e, vinte anos antes de Thomas Edison, usou um filamento de carbono para produzir uma lâmpada elétrica.
- ³⁶ N.T.: Gustav Kirchhoff (1824-1887). Físico alemão que desenvolveu o processo de análise espectral, em conjunto com o químico alemão Robert Bunsen (1811-1899).
- ³⁷ N.E.: Mendeleef, Lothar Meyer e J. A. R. Newlands. N.T.: Dmitri Ivanovitch Mendeleef (1834-1907), químico Russo, que criou a tabela periódica com os 63 elementos conhecidos, organizada segundo a sua massa atômica. Julius Lothar Meyer (1830-1895). Químico alemão, que em um *paper* de 1870 apresentou a descoberta de uma lei periódica, afirmando que as propriedades dos elementos eram funções periódicas de seus pesos atômicos, porém inferior à criada independentemente (1869) pelo químico russo Dimitri Ivanovich Mendeleef. John Newlands (1837-1898), químico inglês que, em 1863, propôs a Lei das Oitavas, que afirmava que as propriedades químicas se repetiam a cada oito elementos. Sua teoria foi acusada de ser pitagórica, tendo apenas recebido credulidade após o trabalho de Mendeleef.
- ³⁸ N.E.: W. T. G. Morton, C. T. Jackson e J. C. Warren.

que o éter era um artigo comum. Uma das farmacopéias já o mencionava três séculos antes. Não é possível acreditar que suas propriedades anestésicas não devessem ser conhecidas; claro que eram. Provavelmente, desde a época de Basil Valentine³⁹, vinham sendo passadas de boca em boca como um segredo, embora por muito tempo tenha sido uma espécie de segredo de Polichinelo⁴⁰. Na Nova Inglaterra, durante muitos anos, os rapazes o usaram para se divertir. Por que, então, não foi destinado a um uso sério? Nenhuma razão pode ser dada, a não ser a de que não havia uma razão forte para fazê-lo. Os motivos para fazê-lo podiam apenas ter sido o desejo de ganho e a filantropia. Por volta de 1846, data de sua introdução⁴¹, a filantropia encontrava-se, sem dúvida, extraordinariamente ativa. Embora em nossos dias seja menos destacada do que antes, tal sensibilidade ou sentimentalismo, que havia sido introduzida no século anterior, passou por um processo de amadurecimento e, por isso, mais do que nunca, passou a ter maior probabilidade de influenciar pessoas acrílicas. É possível que os três reivindicantes da descoberta do éter tenham sido influenciados pelo desejo de lucro, mas, mesmo assim, certamente não eram insensíveis às influências agápicas.

[317] Duvido que seja correto considerar qualquer grande descoberta como conquista totalmente individual, e creio que muitos compartilharão desta dúvida. Porém, se não a houver⁴², que argumento para a continuidade da mente e para o agapasticismo temos aqui! Não desejo ser muito insistente. Se os pensadores apenas se convencerem a deixar de lado os preconceitos e a se dedicar a estudar as evidências desta doutrina, ficarei plenamente satisfeito em esperar pela decisão final.

³⁹ N.E.: Conforme a “Nota sobre a Época de Basil Valentine” de Peirce (p. 674), reputa-se a Basil Valentine ter sido um dos primeiros químicos científicos do século quinze, na Alemanha. Contudo, Peirce acrescenta que talvez ele tenha sido uma criação de Johann Thölde, que publicou vários trabalhos atribuídos a Basil Valentine, por volta de 1600.

⁴⁰ N.E.: Originado na *Commedia dell'arte* italiana, Polichinelo é uma espécie de palhaço rústico ou bufão (e o protótipo de Punch). N.T.: O termo Punch, bufão, é a denominação em inglês para o personagem representado por Polichinelo. A expressão “segredo de polichinelo” refere-se àquele segredo que é veiculado como tal, mas que, de fato, é conhecido de todos.

⁴¹ N.T.: Do éter.

⁴² N.T.: Se não houver essa dúvida, isto é, se for aceito que qualquer grande descoberta não é uma conquista totalmente individual.